

# • Walter • Benjamin

Estética • Política • Literatura • Psicanálise

Ricardo Timm de Souza    Bruna de Oliveira Bortolini  
Manuela Sampaio de Mattos    Oneide Perius  
Helano Ribeiro    Francisco Fianco  
Tiago dos Santos Rodrigues    Janniny Gautério Kierniew  
Evandro Pontel    Gabriela Nascimento Souza  
(Orgs.)



# Walter Benjamin

Estética, Política, Literatura, Psicanálise

Atas do I Congresso Internacional  
Walter Benjamin: barbárie e memória ética

**Organização:**

Ricardo Timm de Souza  
Manuela Sampaio de Mattos  
Helano Ribeiro  
Tiago dos Santos Rodrigues  
Evandro Pontel  
Bruna de Oliveira Bortolini  
Oneide Perius  
Francisco Fianco  
Janniny Gautério Kierniew  
Gabriela Nascimento Souza



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade – 104

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

SOUZA, Ricardo Timm de; et al (Orgs.)

Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

649 p.

ISBN - 978-85-5696-564-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Walter Benjamin; 3. Estética; 4. Literatura; 5. Psicanálise; I. Título II. Série

CDD: 100

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

## **A experiência da escrita a partir de um diálogo entre Conceição Evaristo e Walter Benjamin**

*Bruna Moraes Battistelli<sup>1</sup>*

*Lílian Rodrigues da Cruz<sup>2</sup>*

Narrar vidas “academicamente” tem nos ocupado um tempo importante no percurso que nos propusemos. Temos nos pego pensando sobre como nos colocamos a narrar vidas alheias. Nossa preocupação se dá principalmente quando falamos de histórias e vidas que não costumam ocupar páginas de livros, teses e dissertações. Ou que quando ocupam são nomeadas a partir de categorizações estereotipadas. Nossas pesquisas são com populações que frequentam as políticas públicas, principalmente de Assistência Social. Em sua maioria são mulheres, negras e moradoras da periferia. Mulheres que costumam ser atendidas por diversos profissionais e tem suas vidas narradas em prontuários e relatórios. Vidas que não protagonistas da história hegemônica. Assim, este trabalho tem como um dos objetivos pensar sobre o processo de escrita dessas vidas a partir da obra de Conceição Evaristo e Walter Benjamin. Nossa proximidade com a obra dos autores faz que nos sintamos íntimas dos mesmos para produzir este texto-diálogo, utilizando os nomes iniciais em determinados

---

<sup>1</sup> Doutoranda no PPG Psicologia Social e Institucional/UFRGS. Bolsista CAPES. "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001". Email: brunambattistelli@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do departamento de Psicologia Social e Institucional/UFRGS e do PPG Psicologia Social e Institucional/UFRGS. Email: lilian.rodrigues.cruz@gmail.com

momentos e produzindo um texto que mescla o ensaio e a carta enquanto estilística.

Escrevo este texto a partir de um lugar muito específico: pesquisadora na área da Psicologia, mais especificamente, da Psicologia Social. No campo das políticas públicas, principalmente no da Assistência Social (foco do meu trabalho), os estereótipos são expressos como: “ela é uma mãe negligente”, ou “ele é um adolescente transtorno de conduta” ou ainda, “ela deve gostar de apanhar”. Narrativas que subjagam sujeitos e impossibilitam o reconhecimento da experiência destes. Sobre esses que costumam estar “ligados” a essas narrativas, podemos dizer que em sua maioria são pessoas pobres, negras e moradoras de bairros periféricos e/ou muito violentos. Narrativas violentas para narrar vidas pautadas por experiências de violência de um Estado de exceção que não poupa em produzir mecanismos de aprisionamento para determinadas parcelas da população. O fascismo volta a mostrar sua face no Brasil e no mundo de 2018. Um impressionante retrocesso, que me faz querer mais uma vez dialogar com Walter Benjamin e com Conceição Evaristo.

Como não deixar a experiência morrer? E com isso continuar insistindo na potência da narrativa enquanto possibilidade de resistência frente à barbárie. Como narrar a partir da barbárie? Walter Benjamin diz que precisamos contar a história antes que os historiadores cheguem. Conceição Evaristo conta a história tecendo a mesma a partir de outras experiências. Uma artista da memória coletiva, da narração.

Cada história é ensejo de uma nova história, que desencadeia em outra, que traz uma quarta, etc<sup>3</sup>. Conceição e Walter trabalham com a ideia de uma história aberta, tecida e tramada; com a narrativa da experiência. Sempre num entre, numa relação. Assim, com Walter Benjamin gostaria de pensar como se dá a possibilidade de rompermos com as lógicas hegemônicas e

---

<sup>3</sup> GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009, p.223.

instituídas para pensarmos a história contada a partir dos vencidos, pensando metodologicamente a ideia de coleção. A partir do seu pensamento, penso em uma história feita de “restos”. Como podemos nos constituir eticamente em catadores de restos? Em trapeiros? Restos que nos apontam para os rastros da história. E assim, como podemos pensar a escrita na pesquisa enquanto resistência? E com Conceição, invisto na possibilidade de pensar narrativas de mulheres negras, de forma diferenciada do que a literatura brasileira hegemônica costuma apresentar. Conceição apresenta uma coleção de experiências que perpassa a vida de muitas mulheres, a partir da trama da ancestralidade e do passado compartilhado da escravização da população negra.

Este artigo vai perpassar as possibilidades de escrita que Conceição Evaristo e Walter Benjamin nos apresentam, um possível diálogo entre eles e como a escrevivência e a ideia de coleção podem compor uma política de escrita da experiência. Como a primeira autora trabalha com a produção de cartas, inserimos uma carta produzida para Conceição Evaristo, no intuito de pensar a escrevivência no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. O texto irá se compor por reflexões a partir de aspectos da obra dos dois autores e os pontos em que são possíveis diálogos entre os mesmos.

### **Escrever com Conceição e Walter**

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe

criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia<sup>4</sup>.

Escrever a partir das histórias dos vencidos e não da posição hegemônica é em tempos como os nossos, uma forma de resistir. A memória da escravidão e da violência perpetrada ao povo negro no Brasil vem sendo negada e rechaçada enquanto apenas “uma página triste” de nossa história. A necessidade de não esquecermos, assim passa pela possibilidade ou não de escrita destes restos de barbárie. O racismo e a violência com a população negra se constituem enquanto projeto de estado que perpassa nossa história. Um mito de democracia racial, que ganha força nos anos 30 e se reatualiza nos dias atuais. Uma violência que autoriza o genocídio de uma parcela da população. Um extermínio que passa pelo apagamento epistêmico destes. Assim, o escrever, para autoras como Conceição Evaristo é estratégia de sobrevivência.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo<sup>5</sup>.

Quando Walter Benjamin discute a figura do narrador, não há como não lembrar de Conceição, narradora de suas histórias, que se inscreve em suas histórias, (con)fundindo-se com suas personagens. Narrativas que transbordam a vivência dela

---

<sup>4</sup> EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 2003, n.p.

<sup>5</sup> EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 2003, n.p.

enquanto mulher negra brasileira, marcada pela barbárie da escravização de seu povo. Para Walter e Conceição a dimensão do tempo é múltipla, de muitas vidas que moldam a arte do contar histórias. Para o autor contar histórias é a arte de contá-las indefinidamente. A narrativa, assim, não se encerra no narrador; mas se constitui na relação narrador-ouvinte em um movimento infundável de (re)contação. A lembrança é sem limites. Conceição vai dizer que nas suas histórias há sempre o espaço para a invenção, vide a dimensão oral das mesmas. O contar e o ouvir entrelaçam-se no processo de escrita das narrativas. A oralidade, enquanto produtora de conhecimento, nos convoca a pensar como produzimos conhecimento e o primado da escrita na produção acadêmica.

### **Conceição Evaristo**

Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino, Regina Anastácia. Todas mulheres negras e protagonistas de uma coleção de insubmissas lágrimas. Lágrimas de mulheres que brotam por entre as histórias que Conceição escolhe nos contar.

Conceição Evaristo, mulher negra e escritora, entre tantas outras coisas, que escreve, ou melhor, escreve sobre histórias que são suas, mas também de tantas outras. A narradora (Conceição Evaristo) aparece em todos os contos. Nos brinda com histórias de mulheres, uma aposta na oralidade e na transmissão do comum, do cotidiano. Pensar com Conceição é também termos cuidado com os rastros autobiográficos, e assim, segue um pouco mais sobre Conceição. A autora nasceu sob o nome Maria da Conceição Evaristo de Brito em Belo Horizonte, em 1946. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, e



Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/RJ. Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

A autora, com sua coleção de mulheres, foge ao estereótipo comum da literatura brasileira para as mulheres negras. A mesma afirma que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica. Aponta que a representação literária da mulher negra, “ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral”<sup>6</sup>.

Quando mulheres do povo como Carolina (de Jesus), como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite<sup>7</sup>.

As mulheres de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*<sup>8</sup> são fortes, passaram por situações de extrema violência e continuam apostando nos mais diversos tipos de afeto. Mulheres que escolhem viver e são narradas com delicadeza por uma autora que se mistura por entre as mulheres. A escrevivência de Conceição tem elementos que se destacam: o corpo, a condição social e racial e a experiência. Assim, para operar com o conceito escrevivência é preciso se ater a esses elementos, e principalmente entender que as mulheres de Conceição compartilham a experiência de serem

---

<sup>6</sup> EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Seminário Nacional X Mulher e Literatura - I Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba/UFPPB, 2003, n.p.

<sup>7</sup> EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Seminário Nacional X Mulher e Literatura - I Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba/UFPPB, 2003, n.p.

<sup>8</sup> EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016, p.140.

descendentes de sobreviventes do processo de escravização da população negra no Brasil. Algo que, por exemplo, uma mulher branca como quem escreve este trabalho, não vive. Operar com o conceito citado é entender que partimos de lugares diferentes, sofremos opressões diferentes e falamos de lugares diversos. Pensando e produzindo a partir de sua condição de mulher e negra, Conceição discute como estas são retratadas na literatura e faz uma aposta nas escrevivências.

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*<sup>9</sup>.

O narrador (neste caso, narradora) retira da experiência o que conta. Por isso, Conceição diz que seu trabalho é confundir-se com suas personagens. A literatura marcada por uma *escrevivência* pode com(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta confusão não me constrange, afirma Conceição.

## Walter Benjamin

Colecionador: possui o dom mágico de manejar os objetos (fragmentos) como peças de uma enciclopédia mágica<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: *Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, 2003, n.p.

<sup>10</sup> BOLLE, W. Um painel com milhares de lâmpadas: MetrÓpole & Megacidade. In: Benjamin, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp.1141-1167.

Uma coleção começa a existir quando suscita ao colecionador uma questão<sup>11</sup>. Para um diálogo com Conceição, escolho o conceito de coleção de Walter Benjamin; um conceito enquanto aposta metodológica que orienta o trabalho das autoras e nos ajuda a dialogar com a obra da autora citada. Conceição nunca tratou seus contos e poemas como uma coleção. É uma aproximação que fazemos, pois, cada conto, cada poema, cada livro de Conceição é um universo que conta do ser mulher negra em um país como o Brasil.

Quantas coisas retornam à memória uma vez nos tenhamos aproximado das montanhas de caixas para delas extrair os livros para a luz do dia, ou melhor, da noite. Nada poderia realçar mais a operação de desempacotar do que a dificuldade de concluí-la. Eu começara ao meio dia, e já era meia noite antes que tivesse aberto caminho até as últimas caixas. [...] Mas voltando àqueles álbuns: a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca, Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse<sup>12</sup>.

O convite de Walter Benjamin é que nos transfiramos para a desordem dos caixotes abertos, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, para que façamos isso e pensemos quanto ao papel do colecionador. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* pode ser lida a partir de qualquer história. Todas elas dizem de mundo diverso, mas conectadas pelo fio condutor que passa pelo corpo e experiência de Conceição enquanto mulher negra e que compartilha um comum com suas múltiplas personagens.

Walter Benjamin nos oferta a ideia de que o mais importante é a relação que se estabelece entre o colecionador e seus pertences,

---

<sup>11</sup> CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. In: *Mnemosine*. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, pp. 2-25, 2016.

<sup>12</sup> BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II- Rua de Mão Única*. Trad.: R.R. Torres Filho e J.C.M. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.234, p.277.

colocando a arte de colecionar em primeiro foco, mais do que a coleção em si. Com Walter Benjamin e com Conceição aprendo a colecionar narrativas, histórias de vida e que passam pela experiência. Histórias que me passam. Conceição e sua coleção de vidas de mulheres, *escrevidas* mostram a potência de uma literatura do testemunho. Só Conceição para *escrever* do jeito que faz, pois escreve a partir de um lugar muito específico.

Colecionar, assim, está diretamente relacionado às lembranças<sup>13</sup>, assim como as musas das narrativas são as memórias<sup>14</sup>. “Os procedimentos de montagem sublinham o seu caráter de obra aberta, fazendo com que o leitor se torne coautor do texto, constituindo a montagem por conta própria”<sup>15</sup>. Como organizar uma coleção? Quais os critérios foram utilizados para adquirir novos itens? Cada “novo objeto que chega para compor a coleção faz pensar-movimentar a coleção como um todo”<sup>16</sup>.

O autor nos ensina que um conjunto de coisas não necessariamente é uma coleção. Há o movimento do colecionador, a montagem, assim como o curador em uma nova exposição, que deve dispor as obras conforme o que propõe suscitar em outros (mesmo que não domine o afeto pretendido). No livro das Passagens, um fato importante é a renúncia às interpretações, a montagem dos anexos e textos e a montagem que será operada pelo leitor produzirá outra leitura do livro.

O desafio do pesquisador-colecionador é o de encontrar a forma que melhor convém para a apresentação de sua coleção<sup>17</sup>. O

---

<sup>13</sup> BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II- Rua de Mão Única*. Trad.: R.R. Torres Filho e J.C.M. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.234, p.277.

<sup>14</sup> BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas- Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad.: S.P. Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.253.

<sup>15</sup> CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. In: *Mnemosine*. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, pp. 2-25, 2016.

<sup>16</sup> CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. In: *Mnemosine*. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, pp. 2-25, 2016, p.15.

<sup>17</sup> CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. In: *Mnemosine*. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, pp. 2-25, 2016.

pesquisador-colecionador entendido como um mediador/curador entre partes: pesquisa, academia, leitor, etc. A curadoria da própria coleção permite ao pesquisador um constante movimentar do seu trabalho. Movimento que promove deslocamentos...

### **Uma carta para Conceição Evaristo**

Cara Conceição Evaristo,

Quando lhe escrevo acabo de ler *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, livro que levei mais de um ano para terminar. Uma leitura que me arrebatou. Peço sua licença para citar todas as mulheres que ocupam seu livro: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino, Regina Anastácia. Gostaria de lhe falar sobre todas elas e sobre algumas coisas que ando pensando. Como aluna de um programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, minha preocupação encontra-se sempre no como narramos a vida do outro. Como contar a história de uma outra pessoa? Como contar outras histórias sem exercermos um processo de violência com o que propomos narrar? Como escrever sem dominar a experiência do outro? Ou melhor: como contamos histórias em um ambiente acadêmico?

Não sei como foi sua experiência quando fez o doutorado, mas a minha tem sido de uma constante indagação quanto à possibilidade de contarmos outras histórias, para além daquelas que a Psicologia Social se acostumou a contar. Com isso, chego em seu livro. Quando comecei a ler o mesmo, trabalhava em um serviço da Assistência Social, onde atendia basicamente mulheres. Quando começo seu livro, o impacto foi tão grande que não consegui me manter na leitura. Li sobre Aramides na mesma semana em que atendi uma mulher que foi espancada pelo marido com a filha no colo. Impossível não sentir o entrelaçamento de

histórias. A vivacidade dos machucados de uma me fez sentir a vivacidade dos machucados daquela que ocupa suas páginas. Uma leitura do impossível, a vida que sangra por entre suas páginas me faz pensar sobre as vidas que passavam pelo cotidiano do serviço em que trabalhava. Como narramos a vida alheia? A partir de que pontos de vista? A partir de que política de nomeação?

O acolhimento que uma mulher que é violentada fisicamente muitas vezes passa por julgamentos morais e relações machistas. Na situação que lhe narro, tratava-se de uma mulher branca, assim, a questão racial, neste caso, não estava posta. Mas as vítimas mais frequentes da violência doméstica são as mulheres negras, assim como quando falamos em feminicídio.

Escrever! Como já lhe disse, tomo seu conceito escrevivência com o maior respeito enquanto inspiração no processo de pensar a produção de narrativas. Não creio que outras pessoas, principalmente fora do campo da literatura, consigam compor um exercício de escrever como a senhora faz. O que podemos? Acredito que seja pensar a escrevivência enquanto conceito importante para pensarmos a produção narrativa e como a escrita de/sobre vidas outras precisa ser pautada pelo eixo da constituição de um comum; de uma memória coletiva que perpassa as histórias. Assim, reafirmo a escrevivência enquanto conceito impossível de ser operado por outros que não a senhora, mas passível de produzir inspirações para a produção de outras histórias possíveis. Para isso, tomo como ponto chave nessa discussão a lógica do racismo epistêmico que permeia a produção acadêmica e a facilidade que temos em nos apropriar de conceitos tão delicados e caros como o seu. Já lhe ouvi dizendo que outras pessoas poderiam fazer uma escrevivência, e que se por acaso se tratasse de uma pessoa branca, esta deveria ter em mente que não compartilha o mesmo passado que o seu: o da escravização da população negra.

Tanto a senhora como o senhor Walter Benjamin me ajudam a pensar as possibilidades de um trabalho narrativo da experiência.

O viver enquanto uma política de narrativa. Uma narrativa, que assim, embrenha-se de cuidado em um fazer ético e responsável quanto a histórias não-hegemônicas. Lembro da ideia de rastro e lhe copio um trecho que encontro no livro do professor Ricardo Timm de Souza:

O rastro é a própria experiência, em toda parte onde nada nela se resume ao presente vivo onde cada presente vivo é estruturado como presente por meio da remissão ao outro ou à outra coisa, como rastro de alguma coisa outra, como remissão-a. Desse ponto de vista, não há limite, tudo é rastro. [...] Eu disse que tudo é rastro, que o mundo era rastro, que este gesto é rastro, que a voz é uma escrita, que a voz é sistema de rastros, que não há fora-do-texto, e que não há nada que bordeje de algum modo, do exterior, essa experiência do rastro<sup>18</sup>.

O professor de forma muito pertinente, nos questiona sobre a noção de experiência, e se essa não seria uma cuidadosa e precária coleta de rastros. Não tem como não pensar na senhora e nos livros que vem nos ofertando. São coleções sensíveis sobre a vida que traçada a sangue, sobrevive a séculos de barbáries e apagamento. Como bem a senhora diz em *Olhos d'água*<sup>19</sup>: suas histórias são as de vidas traçadas a fios de ferro. Histórias costuradas sensivelmente pela linha da escrevivência, em uma experiência que passa por confundir com as histórias narradas, escrever-se por entre as personagens. Mas para isso, um comum é necessário, um possível que articule essa experiência coletiva. A senhora coleciona rastros da barbárie da violência contra a população negra e nos devolve restos que nos contam de uma vida para além do discurso hegemônico.

---

<sup>18</sup> DERRIDA, J. *Pensar em não ver: escritos sobre a arte do visível (1979-2004)*. Trad. Marcel Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 79. APUD. SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018, p.34.

<sup>19</sup> EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014, p.116.

Quando penso em sua obra, penso em verbos: escrever, escutar, olhar, sentir, experienciar, viver, tatear. Sua escrita transborda as páginas em um exercício sensorial. Sinto seu encontro com Mirtes e fecho os olhos como ela lhe sugere. Como se eu estivesse lá, junto de vocês. Impossível não escutar os gritos narrados por Shirley. Ou tocar o silêncio da solidão de Adelha. Como lhe disse, a experiência de acompanhar a violência a qual Aramides foi vítima doeu fundo e assim, naquele momento, me foi impossível continuar a leitura. Vidas que sangram, mas que mesmo assim, não deixam de ganhar em suas páginas, nuances de sutileza e delicadeza, sempre tratadas com o devido protagonismo e respeito.

Enquanto pesquisadoras/es entendo que podemos tomar seu conceito enquanto fomentador de outras possibilidades de narrativa de histórias de vida que por muito tempo foram invisibilizadas ou estereotipadas por saberes como a literatura, psicologia, etc. Escrivência, um conceito que precisa ser entendido a partir do lugar de fala que pressupõe e da responsabilidade daquela/e que resolve utilizá-lo, principalmente se não for uma mulher negra de origem pobre. Um conceito que exige sabermos e assumirmos o lugar que ocupamos. Não sei o que a senhora pensa sobre isso. Por hora me despeço.

Grande abraço, Bruna.

### **Para encerrar: Conceição e Walter**

Juntar Conceição e Walter é a aposta de dessacralizar os monumentos que indicam quais são as histórias que devem ser contadas e lembradas e as que automaticamente são apagadas. Apostar nas narrativas é operar com cacos, fragmentos, rasuras, com os restos que nos dão pistas, mas que nunca se ocupam de totalizar, produzir absolutos. Conceição produz *escrivências* que dão conta de um comum, de uma experiência coletiva do ser



mulher negra brasileira. Experiência que passa de mulher para mulher, histórias que ouviu de suas familiares, vizinhas, amigas.

Como Walter Benjamin, em sua obra anunciou, um trabalho de artesanaria. Uma forma artesanal de comunicação, onde o corpo é parte fundante do processo. É pelo corpo que podemos pensar a experiência. Assim, contar uma vida, mesmo que academicamente, é uma composição de movimentos de tantas vidas que se encontram com os movimentos possíveis do pesquisador-colecionador-narrador.

Conceição e Walter assim se encontram neste trabalho, como um exercício inicial de diálogo para pensarmos possibilidades narrativas para a pesquisa em Psicologia Social. Salientamos que a discussão apresentada está em fase inicial e bastante ensaística, enquanto possibilidade para pensarmos o lugar das narrativas na pesquisa em Psicologia Social e o compromisso com a história do país e dos que não costumam estar narrados na história hegemônica. Walter Benjamin nutre nosso interesse por sua postura crítica quanto a história e processo metodológico que propõe com o conceito de coleção. E Conceição Evaristo com a operação que faz do conceito de escrevivência. *Insubmissas lágrimas de mulheres* é um livro que nos mostra o como a autora constrói seu processo de produção, assim como, nos apresenta uma coleção sobre a experiência do ser mulher negra no Brasil. Um livro que atemporal, que pode ser lido conforme a/o leitora/leitor se dispuser.

Contextualizar as narrativas que produzimos, pensar elas a partir da história de nosso país, dessacralizar autores e ideias eurocentradas e apostar em outras leituras e autoras é um desafio para pensarmos de forma descolonial e mais do que apenas criticar um determinado modo de pensar a escrita e como narramos a vida de outras pessoas em nossas pesquisas, apostamos em um exercício constante em que (re)pensar o modo como o processo de escrita insere-se em nossas pesquisas. Escrever que passa pelo exercício de inscrever-se, assim como Conceição Evaristo tão

belamente faz, com o conceito de escrevivência. Não falar pelos vencidos, mas COM eles é um exercício ético, estético, político em pesquisas na área da Psicologia Social. Trabalhar com pesquisas com populações que costumam ser alvo de escritas estereotipadas e preconceituosas faz necessário uma postura crítica com o modo como produzimos narrativas com o que nos é ofertado em campo.

## Referências

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II- Rua de Mão Única*. Trad.: R.R. Torres Filho e J.C.M. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas- Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad.: S.P. Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOLLE, W. Um painel com milhares de lâmpadas: Metrópole & Megacidade. In: Benjamin, W. *Passagens*, trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp.1141-1167.

CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. In: *Mnemosine*. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, pp. 2-25, 2016.

DERRIDA, J. *Pensar em não ver: escritos sobre a arte do visível (1979-2004)*. Trad. Marcel Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 79. APUD. SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura. Paraíba, Universidade federal da Paraíba/UFPB, 2003.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016, p.140.

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.